

Educação de africanidades em processos educativos de movimentos negros sorocabanos

Africanities education in educational process of Sorocaba's black movements

Educación de africanidades en procesos educativos de movimientos negros de Sorocaba

Mariana Martha de Cerqueira Silva*
Faculdade de Sorocaba (UNIESP)

RESUMO

Esse artigo é parte de minha dissertação de Mestrado em Educação "Africanidades e Educação Popular" (SILVA, 2014). Trata-se de uma pesquisa que teve a intenção de reafirmar a importância de se abordar história e cultura africana e afro-brasileira a partir dos diálogos estabelecidos com processos educativos de movimentos negros. Utilizando a metodologia da pesquisa participante este trabalho reuniu e analisou entrevistas com lideranças negras locais que, juntamente com outras fontes históricas, forneceram nosso material de pesquisa. O foco desta pesquisa foi identificar os movimentos negros atuantes na cidade de Sorocaba no início do século XXI, bem como as propostas educativas destes mesmos movimentos, desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX. O intuito aqui é o de revelar como experiências educativas desenvolvidas pelos movimentos negros podem contribuir para tornar viva a aplicação da Lei 10.639/03.

Palavras-chave: Movimento Negro. Africanidades. Educação étnico-racial. Sorocaba – Lei.10639/03.

ABSTRACT

This article is part of my Master's thesis in Education "Africanidades and Popular Education" (Silva, 2014). This is a research that had the intention to reaffirm the importance of addressing African and african-descent history and culture established from the dialogues with these black movements and their educational processes. Using the methodology of "Participatory research" this paper gathered and analyzed interviews with local black leaders who, along with other historical sources, provided our research material. The focus of this research was to identify the black movements active in the city of Sorocaba in the early twenty-first century as well as the educational proposals of these same movements, developed from the second half of the twentieth century. The purpose here is to reveal as educational experiences developed by the black movements can help to make alive the application of Law 10.639/03.

Keywords: Black Movement - Africanities – Education

RESUMEN

Este artículo es parte de una tesis de Maestría en Educación "Africanidades y Educación Popular" (Silva, 2014), que pretende reafirmar la importancia de abordar la historia y la cultura africana y afro-brasileña a partir de los diálogos establecidos con los procesos educativos de los movimientos negros. Utilizando la metodología de la investigación participativa, este trabajo recopila y analiza entrevistas con líderes negros locales que, junto con otras fuentes históricas proporciona nuestro material de investigación. El objetivo fue identificar los movimientos negros activos en la ciudad de Sorocaba a principios del siglo XXI, así como las propuestas educativas de estos movimientos, desarrollados a partir de la segunda mitad del siglo XX. El propósito aquí es revelar cómo experiencias educativas desarrolladas por los movimientos negros pueden ayudar a hacer viva la aplicación de la Ley 10.639/03.

Palabras-clave: Movimiento Negro. Africanidades. Educación.

Introdução

[...] Me trouxeram para longe, amarrado na madeira, me bateram com chicote,
me xingaram, me feriram.
Era rei e sou escravo, era livre e sou mandado.
Mas por mais que me naveguem, me levando pelos mares, mas por mais que me
maltratem, carne aberta pela faca,
A memória vem e salva, a memória vem e guarda.
Trecho de *Era Rei e Sou Escravo*
(BRANT & NASCIMENTO, 1976; grifos nossos)

É na intenção de difundir versões da história e cultura africana e afro-brasileira de Sorocaba que este artigo busca explicitar sentidos pedagógicos e compartilhar algumas vivências de africanidades¹ em propostas educativas de movimento negro. Os dados aqui revelados surgiram do diálogo com as experiências pedagógicas e com os agentes dos movimentos negros sorocabanos. As experiências reveladas apresentaram um enorme potencial pedagógico ao resgatar elementos constituintes de uma epistemologia denominada *cosmovisão africana*.

Alojada no útero da ancestralidade está a cosmovisão africana, isto é, sua epistemologia própria que, por ser absolutamente singular e absolutamente contemporânea, partilha seus regimes de signos com todo o mundo, enviesando sistemas totalitários, contorcendo esquemas lineares, tumultuando imaginários de pureza, afirmando multiplicidade dentro da identidade. [...] A cosmovisão africana é, então, a epistemologia dessa ontologia que é a ancestralidade. (OLIVEIRA, 2012, p.40)

E porque falamos desta cosmovisão resgatamos nesta análise elementos da cultura afro-brasileira, mais especificamente, da mitologia já que contar histórias é característica fundamental da educação de tradição africana. Além disso, como bem afirma uma das militantes entrevistadas para esta pesquisa, a profa. Ana Maria Mendes, é preciso “*demarcar o seu território na grande trama*”. É justamente do diálogo e da proximidade entre as experiências destes movimentos negros sorocabanos que temos a impressão de que cada um dos movimentos aqui narrados foi sendo gestado no interior do anterior. É como se, no sentido feminino do termo, cada movimento negro sorocabano representasse a mãe de um filho (a) que nascia na década seguinte. Que *lemanjá* seja a representante desses movimentos e como o símbolo da fertilidade que ela mesma representa no panteão da mitologia afro-brasileira, continue a engendrar novas crias e parir novos movimentos.

Nesse sentido o percurso do Instituto de Cultura Afro-Brasileiro, mais tarde chamado de Núcleo de Cultura Afro-Brasileiro, foi mãe da Fundação Cafuné e do Projeto Curumim do qual o Centro Cultural Quilombinho reconhece-se filho. Embora alguns desses movimentos já estejam extintos, como é o caso da Fundação Cafuné e do Projeto Curumim, suas experiências foram reafirmadas² para transformá-las em registros públicos a constar na história do movimento negro. Neste artigo resgataremos o histórico do Núcleo de Cultura Afro-Brasileiro (NUCAB) e do Centro Cultural Quilombinho. Antes de nos determos mais descritivamente ao período pós-anos 1970, que diretamente se relaciona às entidades com as quais dialogaremos aqui, vamos listar algumas organizações que se ergueram anteriormente a este período,

¹*Africanidades*, isto é, marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do nosso dia a dia (SILVA, 2003).

² Para ter acesso a pesquisa completa conferir, ao final, a referência Silva (2014).

indicando assim as primeiras formas de resistências coletivas sorocabanas do período pós-abolição³. Logo nos primeiros anos do século XX algumas associações recreativas negras foram fundadas em Sorocaba, são elas: Clube Recreativo 13 de maio, de 1908 e Club 13 de maio Sorocabano, de 1909.

Pouco depois o movimento político e social que se estendeu por diversas cidades e estados teve sua representação também nessa cidade. A Frente Negra Brasileira de Sorocaba foi oficialmente fundada em 2 de abril de 1932, em solenidade realizada no Palacete Scarpa, em que foi registrada a posse do 1º corpo diretor da Frente Negra de Sorocaba tendo o Sr. Salerno das Neves (grande liderança negra da época) como presidente⁴. Segundo relatos da entrevistada Ana Maria Mendes, o objetivo inicial da FNB de Sorocaba era a integração desta população por meio da promoção de acesso a um lazer que lhes fora negado – a diversão em clubes recreativos. Ao que o militante Ademir dos Santos complementa dizendo que também a versão política da FNB estava presente, mas assim como no movimento nacional, foi abafada com o início do Estado Novo⁵, em 1937. Em pesquisa sobre a militância de mulheres negras em Sorocaba, PEREIRA (2014) entrevistou a prof^a. Ondina Seabra, a mais antiga militante negra viva de Sorocaba que lhe revelou existir um núcleo educacional – Escola Luis Gama, fundado pela Frente Negra Sorocabana e localizado na região central da cidade.

O núcleo funcionou inicialmente na Rua Dom Antonio Alvarenga. Teve cursos profissionalizantes. A alfabetização acontecia na rua do Viaduto Jânio Quadros e tinha uma professora chamada Rute Vera Cruz que era minha amiga. As pessoas ficavam sabendo dos cursos através do boca a boca. A maior dificuldade era conter a evasão escolar. (Ondina. In PEREIRA, 2014.)

Esse é um dado valioso no que se refere à valorização da educação por um movimento social, bem como ao fato deste movimento promover o acesso da população negra aos bancos escolares numa época em que isso era ainda escasso. Como nos confirma o artigo “Movimentos da comunidade negra de Sorocaba” produzido pelo prof. Jorge Narciso de Matos para a 1ª edição do jornal negro sorocabano “O Tambu”. Nele consta que “Na sede central da Frente Negra eram mantidas escolas primárias e secundárias. Eram, também, fornecidas bolsas de estudos àqueles mais esforçados. Escola de teatro, de oradores; além de um sistema de assistência social aos mais carentes (...)” (O TAMBUR, nº1, pg. 4)

Em seguida, em 1945 com o fim do governo Getúlio Vargas, temos a fundação da “Sociedade Recreativa XXVIII de Setembro” que, mais tarde passará a denominar-se “Sociedade Cultural, Recreativa e Beneficente XXVIII de Setembro”, popularmente conhecida como “Clube 28” ou “Clube 28 de Setembro”. Esse clube sucede a organização recreativa da Frente Negra Brasileira, extinta com o governo getulino. É comum ouvirmos de antigos frequentadores do clube que seus bailes eram memoráveis e cumpriam muito bem a função de promover o lazer e integrar a população negra da época. É justamente no bojo dessas integrações do Clube 28 que alguns de seus jovens frequentadores, recém-formados pelos cursos profissionalizantes das escolas regulares de Sorocaba e incomodados com o pouco e, muitas vezes distorcido, conhecimento que tinham sobre a situação política e histórica do negro no Brasil, decidiram reunir-se para pensarem juntos sobre estas questões. Foi a partir da formação desse pequeno grupo que cronologicamente chegamos à década de 1970. Para alguns autores (DOMINGUES, 2007) o movimento negro situado pós-década de 70 caracteriza a contemporaneidade deste segmento e, para isso, reúne os seguintes aspectos: apresenta um discurso mais contundente de denúncia ao racismo e principia

³Destacamos aqui que há registros de resistências coletivas anteriores ao período do pós-abolição conforme aparece nos registros de CAVALHEIRO, 2010.

⁴Essas informações estão disponíveis nas pesquisas de Carlos Cavalheiro, 2013 (Cf. em Referências). Há também registro desse evento no Jornal Cruzeiro do Sul de 1933, página 01.

⁵Programa de governo de Getúlio Vargas.

propostas e ações na luta pela promoção da igualdade racial (PEREIRA, 2008). Neste sentido, manifestações públicas, uso da imprensa, formação de comitês de base, e outras formas de organização indicam as estratégias de luta utilizadas.

Em Sorocaba, a partir do movimento inicial de sujeitos negros unidos e organizados para pesquisar sobre sua própria história foi que em 1979, a Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro fundou oficialmente o Instituto de Cultura Afro-Brasileiro (ICAB). Na 1ª página da 1ª edição do jornal negro sorocabano O Tambu, aparecem descritos os quatro objetivos do Icab, quais sejam:

- a) abordar a questão racial sem aplicações ou exageros piedosos, proporcionando a todos indistintamente, a oportunidade de rever conceitos, reformular dogmas estabelecidos por preconceitos oriundos de informações tendenciosas e radicais;
- b) contribuir de maneira realística para a formação de uma consciência crítica entre os negros brasileiros;
- c) propiciar uma visão ampla da África de hoje, uma análise das ideias dos grandes líderes e pensadores africanos, com a consequente difusão do pensamento negro africano;
- d) a organização política, econômica e representativa, suas acusações, enfim, seu programa de luta. (O TAMBUBU, 1ª ed, pg,1)

A proposta pedagógica inicial foi a formação de um grupo multidisciplinar, voltado à pesquisa, estudo, sistematização e difusão da história e da cultura africanas e suas sucedâneas, ocorridas nos países para onde os negros foram conduzidos como escravizados. Para o desenvolvimento dessa proposta organizaram uma metodologia que denominaram de “Câmaras”⁶. Eram como grupos de estudo organizados para pesquisar diferentes assuntos relacionados à causa negra.

Ai então era feito este trabalho que é o “Câmaras” que eles falavam, ai você tinha a Câmara da Saúde, a Câmara do Trabalho, a Câmara da Educação, então tudo isso chegava até a gente. Ai a pessoa ia lá, como se fosse defender uma tese, ele apresentava, levava toda matéria que havia pesquisado de todas as formas né, vídeo tudo, apresentava e esse material era depois registrado. Então o Nucab tem esse acervo, todas as pesquisas, todas as propostas e projetos e está tudo registrado lá, é muito legal, era um trabalho bem organizado, era um trabalho bem pontual (...)
(Rosângela Alves, Apêndice D-1, p. 188)

Os questionamentos dos integrantes do ICAB sobre o pouco conhecimento que possuíam de sua história coletiva enquanto atores sociais negros brasileiros, bem como de suas críticas ao universo escolar que omitia e mascarava a possibilidade de valorização da história e cultura negra foi o estopim dos estudos. Depois dos intensos movimentos iniciais deste Instituto, toda a década de 80 foi preenchida com as pesquisas das Câmaras de Estudo, com as visitas ao Cafundó, com eventos políticos e seminários e com outra experiência educativa interessantíssima, a produção do jornal “O Tambu”⁷ em 1983. Este jornal se propunha a registrar acontecimentos relacionados à causa negra, denunciando situações de

⁶Denominação dada à formação de subgrupos constituídos a partir do interesse, experiência ou formação acadêmica dos participantes do ICAB sobre determinada área específica de conhecimento. Trata-se não de uma compartimentação do saber, mas de uma reorganização do conhecimento por demanda do grupo.

⁷Nos registros eletrônicos disponíveis em <http://www.sorocaba.com.br/enciclopediasorocabana/index.php/files/?local=autores&autor=ademirbarrosdosantos> de autoria de Ademir Barros dos Santos. Acessado em 04/02/2014 encontra-se a seguinte informação: “(...) o primeiro número do jornal O Tambu, composto por oito páginas escritas a máquina, e reproduzidas por fotocópia! O Jornal evoluiu e, dois meses depois, já era impresso em gráfica, em formato mais elaborado e contando com patrocinadores; depois, circulou por todo o território nacional, tendo sido enviado para todas as instituições congêneres.”

racismo (aos moldes dos objetivos da Imprensa Negra, na década de 20 do século passado) e revelando histórias não contadas por meio de textos científicos produzidos a partir das pesquisas de seus militantes. Talvez este tenha sido o principal veículo comunicativo que sistematizou e tornou pública algumas das reflexões deste grupo. No âmbito das experiências educativas o ICAB promoveu discussões políticas sobre negritude em escolas públicas da região nos meses de maio e novembro, em evento intitulado *Dia de Conscientização Étnica*, além disso, participou no espaço universitário, da Comissão organizadora das comemorações do Centenário da Abolição que também promovia reflexões sobre a questão da negritude, só que agora no nível superior. Foi então que o início da década de 90 anunciou uma nova organização estrutural que conferiu ao grupo do ICAB um novo título, com novo endereço e novas oportunidades de ação, ainda mais ampliadas.

Núcleo de cultura afro-brasileira (1992 - ainda em funcionamento)

A década de 90 trouxe uma nova configuração para o cenário educacional de Sorocaba. A antiga FAFIS (Faculdade de Filosofia de Sorocaba) e a FACAS (Faculdade de Ciências Contábeis) fundiram-se numa única Instituição de Ensino Superior denominada FIDAS (Faculdades Integradas Dom Aguirre). Contudo, para ganhar o reconhecimento de Universidade uma Instituição de Ensino Superior necessita obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão⁸. Segundo Catani e Oliveira (*in* OLIVEIRA e ADRIÃO et al, 2002) esse princípio garante que toda universidade deve ter a pesquisa como mediação para o ensino e a extensão. Dessa forma, a pesquisa é colocada no centro de uma relação de produção do trabalho acadêmico, não podendo ser desenvolvida separadamente, assim como o ensino e a extensão. No caso aqui narrado, a pesquisa e extensão aconteceriam por meio da criação de Núcleos de Estudo e Pesquisa. É nesse contexto que se dá a aproximação da Universidade de Sorocaba com o Clube 28 e seu instituto de pesquisa, que foi consensualmente cedido à esta Universidade e, a partir de então, intitulado de Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (NUCAB).

Desde os primeiros momentos nossos objetivos se identificaram com os da benemérita Fundação Dom Aguirre e, com ela, ao longo destes anos, temos estabelecido uma profícua parceria. Assim, hoje, quando passamos a pertencer à estrutura das *Faculdades Integradas Dom Aguirre*, estamos bastante felizes por nos integrarmos na luta maior que objetiva oferecer condições para o desenvolvimento, a par do excelente ensino aqui ministrado, da pesquisa e também da irradiação cultural através da extensão. (MATOS, 1994, p. 27)

Ainda segundo o relato de Ademir dos Santos foi também aí que se iniciou a biblioteca da Universidade de Sorocaba (Biblioteca Aluísio de Almeida), a partir dos volumes do antigo ICAB (doados pela biblioteca particular de cada um de seus pesquisadores, especialmente do militante e acadêmico Prof. Jorge Narciso de Matos⁹). O objetivo inicial deste Núcleo era desenvolver pesquisas e gerar trabalhos que visassem ao conhecimento e à difusão das raízes culturais africanas que influenciam a formação cultural brasileira. Dessa vez a metodologia incluía além das Câmaras de Estudo e do diálogo com as instituições educativas e demais sujeitos interessados no assunto, o desenvolvimento de programas de difusão cultural e de intercâmbio com instituições congêneres. No NUCAB as reuniões das Câmaras de

⁸Esta referência se encontra no art. 207 da Constituição Federal de 1988. Aqui não consideramos os acréscimos conceituais decorrentes da aprovação da LDB 9394/96 posto que ela se deu no período posterior ao que nos referimos.

⁹Jorge Narciso de Matos foi docente de História Contemporânea da África na UNISO (Curso de História), foi presidente do conselho consultivo do Clube 28 de Setembro, presidente do Conselho Superior da Fundação Cafuné, dentre outros. Para maiores informações, cf. a biografia da vida de Jorge Narciso em Cavalheiro (2013).

Estudo eram comandadas pelo Prof. Jorge Narciso e seguiam uma organização e metodologia criteriosa. Os registros de Ademir dos Santos nos explicitam todo esse funcionamento. O NUCAB manteve a estrutura de trabalho do ICAB, que consiste na existência de Câmaras de Estudos, que procuram abranger todas as áreas do saber, sempre com ênfase nos estudos africanistas. Assim, o NUCAB, através de suas Câmaras desenvolve pesquisas nos seguintes campos:

- Estudos Jurídicos - formula estudos de usos, costumes e desenvolvimento das ciências jurídicas, especialmente no que se refere à preservação dos direitos humanos no Brasil;
- Estudos Políticos e Sociais - desenvolve estudos comparados que se relacionam com o comportamento e desenvolvimento político e social da comunidade negra;
- Estudos da Cultura Artística – tem, como objetivo, estudar, promover e favorecer as principais expressões da cultura artística (música, artes cênicas e plásticas), tendo como principal parâmetro o desenvolvimento das artes no continente africano.
- Estudos do Folclore - desenvolve o estudo das assimilações já efetuadas e incorporadas à vida do brasileiro, bem como da preservação das expressões folclóricas ainda vigentes.
- Estudos da História e da Literatura - objetiva a formulação de estudos da evolução histórica dos povos africanos, através de trabalhos comparativos do desenvolvimento da arte literária afro-brasileira através dos tempos.
- Estudos da Qualidade de Vida - desenvolve suas atividades através de trabalhos que objetivam a preservação da saúde e qualidade de vida, através de estudos comparados.

Complementa, esse conjunto, a Câmara de Difusão Cultural, que serve como instrumento de irradiação dos trabalhos gerados pelo Núcleo. Referidas Câmaras são integradas por pesquisadores e estudiosos, aplicados, idealistas, voluntários, de diferentes formações acadêmicas, com o ânimo de ampliar e compartilhar conhecimentos. Nesse mesmo sentido, o NUCAB conta com expressivo quadro de consultores técnicos, nacionais e internacionais, integrado por reconhecidas personalidades que se destacam por sua experiência em suas áreas respectivas de estudos. (SANTOS, registros eletrônicos)¹⁰

O contexto internacional relacionado à negritude também era pauta das discussões daquele núcleo de pesquisadores.

E aí eles trabalhavam com Câmaras de assuntos relacionados à negritude, questão afro: África e Brasil. Mas eles tratavam muito mais dos assuntos da África que do Brasil em si. Sempre liam uma reportagem da Folha de S. Paulo, o qual sempre, às vezes, citava sobre algum preconceito, sobre algumas coisas que tivesse acontecido com um negro e já retratavam também o dia da África, os países que tinham sua liberdade e tal. (Marilda Corrêa, Apêndice A-3, p. 185)

Para atingir seu objetivo de difusão cultural o NUCAB desenvolveu parcerias com ONGs, grupos e Instituições que tinham na questão racial o foco de suas atividades ou ainda que se predispunham a abrir seu espaço de comunicação com a sociedade para divulgar as ideias e reflexões promovidas pelos integrantes do NUCAB. É o caso do programa radiofônico idealizado pela Profa. Ana Maria, produzido pelo NUCAB e apresentado pela Rádio Jornal Cruzeiro do Sul, de maio de 1997 a dezembro de 2001.¹¹

¹⁰ Cf em Referências.

¹¹ Cf em Referências SANTOS, registros eletrônicos.

Em matéria de práticas educativas este movimento negro diversificou suas atuações com atividades e cursos abertos à comunidade sobre questões do continente africano e o contexto de africanidades no Brasil. Nesse sentido, o NUCAB promoveu formações por meio de cursos como *“Introdução à Cupópia do Cafundó”* promovido de 15/2 a 10/5/1997 e de 14/3 a 30/5/1997, sob coordenação do Prof. Jorge Narciso de Matos; palestras, como *“Dia da Conscientização Étnica”*, realizada por quatro anos a partir de 1998; produção do jornal O Tambu destinado à população negra; e até eventos como a *“Gincana Cultural Afro-Brasileira”*¹², promovida em maio de 1988 e realizada em comemoração aos 100 anos da Abolição, sob coordenação da Profa. Rosângela Alves, dentre outros.

Essas atuações aconteciam, em sua maioria, na própria Universidade de Sorocaba (UNISO) e, eventualmente, eram promovidas em parceria com alguma outra instituição. Nesse sentido, é o próprio Ademir quem nos alerta para um limite percebido nessas ações sociais: o fato de elas não serem bem divulgadas, nem mesmo dentro da própria universidade em que estavam situadas, comprometia o ideal de difusão das raízes culturais africanas a que se propunha o Núcleo. Nos últimos anos o NUCAB tem frequentemente desenvolvido práticas que estendem a questão da educação das relações étnico-raciais para além do campo da Pedagogia, afinal o racismo atua em praticamente todas as instâncias das relações sociais.

Além disso, o Núcleo tem também estabelecido diálogo com instituições congêneres, como é o caso da Secretaria Estadual de Educação, por meio da Oficina Pedagógica do Estado e também do Departamento de Ciências Humanas da UFSCar Sorocaba, atuando na elaboração e promoção de cursos voltados à formação de professores com vistas a atender as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para EREER. Essas últimas atuações do NUCAB revelaram que suas atividades formativas têm o potencial de promover uma aproximação positiva com o patrimônio cultural afrodescendente, como nos conta Ademir dos Santos sobre as atividades do Ciclo das Abolições, desenvolvida na Uniso *“(…) até os professores começaram a ir no NUCAB levar fotografia dos parentes deles buscando se identificar com a negritude.”* O aparecimento desse resultado aqui é importantíssimo, pois ele explicita o que representa, dentre outros sentidos, tornar positiva a educação das relações étnico-raciais, como consta nos registros do Parecer Federal *“(…) para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver de se relacionar com outras pessoas, notadamente as negras.”* (PARECER CNE/CP 03/004).

Após esse período as atividades formativas em caráter de pesquisa e extensão parecem ter cessado, ao menos até o momento. Entretanto, o objetivo inicial de difusão do patrimônio afrodescendente continua em atuação através da publicação de pequenos livretos informativos de autoria do militante Ademir dos Santos. Dentre os livretos, todos organizados a partir de referências científicas oficiais, destacamos dois: *O Negro Legal* (UNISO, 2010), que discorre sobre legislações referentes à população negra; e *Religiões: a matriz africana e seus reflexos afro-brasileiros* (UNISO, 2012). Outra forma de difusão ainda atuante são as palestras, artigos e entrevistas proferidas por Ademir dos Santos e pela Profa. Ana Maria Mendes. Estas atuações mantêm viva uma das primeiras intenções educativas do NUCAB: promover o diálogo educativo.

Segundo Ana Maria outra atual atuação do NUCAB consiste em pressionar o Poder Público na implantação de políticas destinadas a diminuir a desigualdade racial, criando novas medidas e colocando as já existentes em ação, como é o caso da Lei 10.639/03. Atualmente o NUCAB funciona no piso superior do prédio da Biblioteca Aluísio de Almeida, localizada no campus da UNISO situado à Rod. Raposo Tavares.

¹²Nesta gincana as equipes eram formadas principalmente por integrantes das escolas de samba de Sorocaba e estudantes negros que através de atividades lúdicas se mobilizaram para valorizar e enaltecer o povo negro da cidade de Sorocaba. Essas informações estão disponíveis no site www.quilombinho.org.br, acessado em 3/3/2014.

Até o ano de 2003, reunia-se, todo primeiro sábado de cada mês para realizar os seminários promovidos por suas Câmaras de Estudo. Essa metodologia já não vigora mais nos dias atuais. Ainda assim, conta com uma biblioteca particular, composta a partir dos primeiros títulos da biblioteca da UNISO, em sua maioria referentes à cultura afro-brasileira, diaspórica e africana e que continua a ser constantemente incrementada. Em seu acervo conta também com todo o registro das pesquisas realizadas durante o funcionamento das “Câmaras de Estudo.”

Nos dias de hoje o espaço do NUCAB, sob coordenação da Profa. Ana Maria Mendes, tornou-se uma referência local para os estudos sobre o ensino da história e cultura africanas e afro-brasileiras, indo ao encontro do disposto no Parecer CNE/CP 03/004, referente à implantação da Lei 10.639/03.

Centro cultural Quilombinho (2003 - ainda em funcionamento)

Em 2001, em parceria firmada com a Fundação Douglas Andreani (FDA),¹³ o Momunes¹⁴ ofereceu à comunidade negra de Sorocaba um curso de pós-graduação em gestão administrativa que tinha como objetivo desenvolver recursos técnico-administrativos necessários para criação de uma instituição ou microempresa. É importante ressaltar que o processo de institucionalização dos movimentos sociais que aconteceu durante os anos 90, produziu outros modos de organização do MN e, em muitos casos, gerou uma estrutura de funcionamento nas respectivas ONGs e OSCIPs que em muito se assemelha à estrutura de organização empresarial privada que tem no mercado capitalista o foco de seu trabalho. Essa é uma situação bem delicada e requer que nossos sentidos afrodescendentes se ponham atentos para não serem cooptados pela organização de um sistema que tende a homogeneizar planejamentos e atuações sociais.

A partir da proposta pedagógica sugerida pelo curso da FDA e com o histórico do que já haviam desenvolvido no Projeto Curumim, as militantes negras e professoras Rosângela Alves e Marilda Corrêa decidiram criar uma nova proposta pedagógica de educação étnico-racial para crianças. A ideia de desenvolver um projeto real e voltado à cultura afro-brasileira que trabalhasse principalmente com a autoestima das crianças veio, segundo Rosângela, da dor de ter sofrido diferentes situações de racismo enquanto criança. Depois, da intenção de ser educadora e da importância de repensar a postura dos educadores no tratamento das relações étnico-raciais.

Nós fomos crianças negras e **sentimos essa dor**, depois em nossa trajetória nos tornamos educadoras. Minha preocupação acabou sendo maior na postura dos educadores, o que faz toda a diferença. Tanto que nas escolas que eu passei, eu **fiz a diferença primeiro com meus pares**. Se eu não faço a diferença primeiro com meus pares não adianta eu estar lá na sala de aula somente com meus alunos, porque a

¹³Essa Fundação é parte do Instituto Superior de Formação Continuada Douglas Andreani, localizado em Campinas. Segundo consta, tem como missão formar profissionais para estimular e desenvolver pesquisas e promover atividades de extensão relevantes à comunidade. Ao que tudo indica os militantes do MN de Sorocaba realizaram o curso de “Gestão Geral e Gestão Sistêmica” em que foram expostos a diferentes ferramentas de gestão para escolherem, conscientemente, um sistema de gestão que desse conta de suas demandas administrativas de maneira eficiente. No blog do diretor principal da FDA está registrado que, em função da Fundação receber consultoria internacional da empresa Diagrama Consultoria Empresarial Ltda. eles começaram a apoiar gratuitamente a gestão de escolas, hospitais e de grupos representativos de minorias sociais. Em seu histórico consta que realizou 10 cursos de Pós-Graduação gratuitos para comunidade negra e indígena nas cidades de Campinas, Belo Horizonte, Piracicaba, Bauru e Sorocaba. Disponível em www.portalsabedoria.com.br/fda e também no blog: profandriani.blogspot.com.br – ambos acessados em 30 de janeiro de 2014.

¹⁴Momunes (Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba) é o nome de uma ONG sorocabana. Para maiores informações ver Silva (2014).

minha função também pode ser a de **mudar a visão dos meus pares sobre a criança negra** e isso faz toda a diferença. (Rosângela Alves)

O processo de aprendizagem para a concepção de educação tradicional africana entende que a aprendizagem passa pelos sentidos. Assim é na religiosidade, nas danças e nos rituais que constituem as singularidades do patrimônio cultural afrodescendente. Ao abordar os diferentes significados do conduzir a própria vida entre afrodescendentes e africanos, Silva (2010) destaca a ação de pôr sentido no mundo e em si mesmo, como um elemento constituidor desse patrimônio. Nesse contexto, e também na fala de Rosângela, isso representa usar as estruturas cognitivas da cultura de seu povo, da sua comunidade, da sua “raça” para interpretar o ouvido, o visto, o vivido. E então, vai se aprendendo a pôr sentido no que está ao seu redor, na vida e em si próprio. (SILVA, 2010). É importante destacar que as duas militantes trabalhavam como professoras da Rede Municipal e receberam apoio administrativo da Secretária de Educação da época para cursarem essa pós-graduação. Dentre os benefícios que lhes foram concedidos tiveram justificadas as faltas na escola previstas pelo curso e foram realocadas em outro espaço da escola, diferente da sala de aula – a secretaria, de maneira que tivessem mais tempo para produzir seus estudos.

O processo do Projeto Quilombinho foi apresentado ao professor da FDA e a partir da aprovação dele Marilda e Rosângela decidiram “sair à campo” para angariar apoio de empresas particulares para execução daquele sonho. Porém, logo na primeira busca foram surpreendidas pela forma de organização do investimento financeiro de empresas privadas em projetos sociais, situação da qual ambas não tinham a mínima ideia. Naquela ocasião, para as empresas da região, Marilda e Rosângela eram duas pessoas desconhecidas com um simples projeto nas mãos. Tudo ainda estava no plano da ficção. A partir dessa constatação e de mais alguns “nãos” elas entenderam que começar seria muito difícil, ninguém investiria em um projeto que não existia, ainda mais de duas pessoas “desconhecidas”. Tanto Ademir dos Santos quanto a própria Rosângela Alves, em suas entrevistas, citou uma passagem que julgaram decisiva para o pontapé inicial de execução do Projeto Quilombinho: o conselho de D. Benedita Alves, a mãe de Rosângela.

Aí minha mãe, na grande sabedoria dela, falou assim: “Viu gente, vocês têm que começar, parem com esses papéis, parem!” (...) junta a criançada que é da rua, vai fazer alguma coisa, junta criançada, junta família mesmo, já que vocês querem fazer isso!” (Rosângela Alves)

As vozes ancestrais têm lugar de ouro na filosofia africana, na forma de educar-se entre afrodescendentes e africanos (SILVA, 1996 e 2010). As simples e objetivas palavras emitidas por Dona Bene (como gosta de ser chamada entre os seus) ecoaram de maneira consistente na prática daquelas militantes. É como Cangoma, do jongo cantado por Clementina de Jesus que chamou o povo que estava “durumindo” a levantar-se e agir¹⁵. Movidas de esforços próprios e sob conselhos e orientações de pessoas com mais experiência de vida, no caso a Dona Benedita e o militante Ademir dos Santos (como preza a educação de tradição africana em respeito à sabedoria dos mais velho), foi que elas conseguiram estruturar o começo de tudo: juntaram a criançada da família e do bairro, buscaram o apoio do Clube 28 na concessão do espaço e da estrutura física do local, levaram duas cestas básicas (as cestas delas, benefício dos funcionários da Prefeitura) para alimentar as crianças naqueles primeiros dias, angariaram alguns amigos voluntários que se prontificaram a dar aulas e juntaram algumas mulheres do Momunes para fazer comida, já que também trariam seus filhos para o Projeto Quilombinho. Finalmente em 26 de abril de 2003 nascia o Projeto Quilombinho, localizado na sede do Clube 28 de Setembro, atendendo duas turmas e, portanto, funcionando em período integral. O projeto tinha como objetivo principal

¹⁵Nas primeiras estrofes desse jongo, de domínio público, canta-se: “Tava durumindo... Cangoma me chamou. Disse: Levanta povo, cativo se acabou!”

favorecer o acesso daquelas crianças ao patrimônio cultural afro-brasileiro e africano através de aulas e oficinas lúdicas. Esse objetivo, aliás, continua sendo basicamente o mesmo.

(...) nossa preocupação sempre foi trabalhar a questão cultural afro-brasileira. (...) porque a gente trabalha a autoestima, e essa autoestima tem que ser estimulada para as crianças negras, porque a gente tem que deixar que elas apareçam, que elas deixem de ser invisíveis, dentro da educação... (Rosângela Alves)

Por um ano o Quilombinho funcionou no Clube 28. O espaço físico já não comportava tão bem o número de crianças que atendia, muito menos a demanda que se formava. Além disso, a estrutura de funcionamento do Projeto se reorganizava no seu dia-a-dia já que não contavam muito com um planejamento prévio porque também não havia recurso humano nem capital financeiro que possibilitasse isso. Naquela época Rosângela morava no Jd. Paulistano e para ir ao Clube 28 passava pelas ruas do bairro Vila Leão, onde funcionava a sede do Instituto Paulo Betti. Esse Instituto pertencia ao ator Paulo Betti e tinha como objetivo oferecer oficinas de teatro ao público interessado.

Em 2004, Paulo Betti estava envolvido com a direção do filme *Cafundó*, que narra a história de João de Camargo, grande liderança religiosa negra da cidade de Sorocaba. Tendo tomado conhecimento da proposta do projeto Quilombinho por meio de informativo de jornal da região, decidiu aproximar-se da entidade para tentar encontrar um ator mirim negro, que pudesse representar João de Camargo em sua infância. Encontrou o menino Wesley Aprile que possibilitou um primeiro laço entre o ator e o projeto Quilombinho. Foi assim, passando diariamente em frente ao Instituto e encontrando-o sempre fechado, pois seu horário de funcionamento era apenas no período noturno que, movida por sua intuição, Rosângela decidiu entrar em contato com o ator Paulo Betti para solicitar autorização para uso do espaço físico de seu Instituto a fim de realizar lá as atividades do Projeto Quilombinho. Neste caso a intuição revela um elemento de africanidades que, aos olhos da cosmovisão africana pode ser identificado como a *Força-Vital*, em termos mais africanos e também mais populares, o *Axé*. O *Axé* é essa força sagrada do mundo invisível que favorece o equilíbrio entre as forças atuantes nas comunidades (OLIVEIRA, 2003). É como uma relação dialética entre o segredo e o sagrado.

A força vital, outro elemento da cosmovisão africana, é um princípio de vitalidade que anima os seres animados e inanimados e que precisa ser preservada, respeitada e renovada. É a força do existir e do criar; é ela que organiza o universo. Cada ser criado possui força vital e deve preservá-la e mantê-la durante sua vida, fortalecendo os elos com seu grupo, com a sociedade e com o cosmo, contribuindo para o bem-estar do grupo e fortalecendo a vida e a harmonia vital. (ROCHA, 2011, p.35)

O pedido foi feito e a resposta foi um vigoroso sim: “*Rosângela, foi João de Camargo quem mandou, quero vocês lá, amanhã se possível*”, foi o que, segundo Rosângela bradava Paulo Betti. Assim, após uma pequena reforma realizada em curto prazo (que contou com a ajuda de três pessoas: o amigo Major Rolim, o cunhado Luis, além da própria Rosângela) o projeto Quilombinho, em agosto de 2004, passou a funcionar numa nova sede, localizado à Rua Caramuru, 203 no bairro da Vila Leão, próximo ao centro da cidade¹⁶. Este ainda é o endereço desta instituição, embora a estrutura física do local (antigas moradias da família do ator Paulo Betti) já tenha passado por uma série de reformas que incluíram, inclusive, a construção de novas instalações. Sede própria alcançada, o próximo passo agora era firmar novas parcerias, especialmente com o Poder Público para conseguir receber investimentos financeiros regulares, bem como se inscrever em Programas de incentivo à Educação e Cultura, ampliando suas potencialidades educadoras. O caminho não foi fácil e para receber verba municipal o Quilombinho, assim

¹⁶O Centro Cultural Quilombinho e o Instituto Paulo Betti tem, legalmente, um contrato de comodato de imóvel desde 2005.

como qualquer outra instituição, precisava provar que já estava em funcionamento há dois anos. Nesse entremeio o Quilombinho fez parcerias com outras instituições sociais, a primeira delas foi o Centro Educacional Comunitário do Parque Esmeralda, hoje Pastoral do Menor. Depois diversos parceiros apoiaram as atividades do Quilombinho, dentre eles a ONG Doce Lar do Menor Irmã Rosália, a Padaria Real e o Colégio Objetivo Sorocaba. Tudo isso só acabou em 2007, quando finalmente o Quilombinho pôde firmar convênio com o Poder Público.

A Secretaria de Cidadania foi a primeira instituição com quem o Quilombinho estabeleceu convênio, através do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e depois do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA). Veio daí o primeiro apoio financeiro destinado anualmente ao Projeto, cerca de 800 reais por mês, para atender, em média, 30 crianças. Com essa verba já era possível contar com uma renda fixa para arcar com alguns custos do Projeto. Obviamente essa renda não era suficiente e, mais uma vez, eram os próprios militantes quem custeavam os gastos extras. Nesta nova etapa outra entidade que tornou-se grande parceira e realizou muitos eventos em prol do Quilombinho foi o Rotary Club de Sorocaba. Deixando um pouco de lado o histórico inicial do Quilombinho, vamos nos ater agora aos aspectos pedagógicos que definem seu trabalho.

Segundo consta em histórico da entidade descrito no livro sobre movimentos sociais da região de Sorocaba (cf. MARTINS, 2012), a concepção de educação sistematizada por esta entidade define-se como uma pedagogia atuante no campo da educação não-formal¹⁷ e que se organiza em prol do princípio da diversidade (diferentes grupos etários, sociais e étnicos). Seu compromisso refere-se a oferecer a cultura afrodescendente como parte integrante da formação do povo brasileiro. Para tanto, justifica o fato de a escolarização formal ainda colocar essa cultura como elemento à parte da cultura nacional e, dessa forma, reafirma a importância de seu papel enquanto movimento negro. No que se refere ao seu objetivo maior pontua

Nosso principal intuito é valorizar e difundir a cultura afro-brasileira na cidade de Sorocaba, atingindo todas as faixas etárias, mas com foco principal no grupo de crianças e adolescentes. O objetivo é promover além de conhecimentos culturais e conceituais, um convívio de respeito e o resgate da auto-estima da população afrodescendente. (SILVA, 2012, p. 191 apud MARTINS, 2012)

A metodologia desta proposta pedagógica coloca a história e a cultura afro-brasileira e africana como centro de todas as atividades desenvolvidas com as crianças. Para isso, desenvolve oficinas de capoeira, canto, música, dança, teatro e cidadania. E, em caráter opcional, danças populares de matriz africana como jongo e maracatu, além da bateria de samba. Todas essas atividades são desenvolvidas num espaço único e coletivo: um quiosque circular de telhado de palha. É lá que a diversidade do Quilombinho assume sua identidade ancestral e dialógica. A horizontalidade das relações humanas e o resgate de elementos comuns à cultura africana como o desenvolvimento de técnicas artísticas como pintura, modelagem, escultura e especialmente as vivências de danças e músicas como forma de lazer e comunicação. Segundo Ademir dos Santos,

Quando se vai analisar a escolaridade de base africana, e ela pode ser encontrada aqui no Cafundó e nos terreiros de candomblé, ela é informal, estritamente informal. É um tipo de educação que nunca se ensina nada pra ninguém, o que é típico, por exemplo, no candomblé. **As pessoas vão aprendendo por curiosidade e observação, e daí perguntam e quem sabe supre as perguntas; tem coisas que demoram anos pra aprender.** (...) o Quilombinho tem muito disso (...) A partir do momento que se

¹⁷Não encontramos referências nos documentos da organização que fundamentassem o que eles entendem por educação não-formal.

começa a criar curiosidade, cria-se ambiente para o aprendizado, o que produz acesso não traumático ao conhecimento, e o conhecimento dá poder! **A didática africana é diferente da europeia porque acontece por demanda do grupo que está aprendendo, e é passada por oralidade.** É o que acontece com os griôs. **A oralidade permite que eles atualizem o conhecimento, que a escrita, às vezes, engessa.** (Ademir dos Santos, grifos meus)

O diálogo e a participação da comunidade nas atividades oferecidas pelo Centro Cultural Quilombinho (CCQ) é o principal elemento constituidor do seu aspecto de difusão. Dessa forma, elencam *O bloco de carnaval Amigos do Quilombinho*, o *Projeto Panela do Samba* e a concessão do espaço físico da entidade para realização de eventos que promovem a cultura afro-brasileira, dentre eles, Hip Hop, Samba Rock, Maracatu e Bumba Meu Boi como exemplos dessa relação com a comunidade. Outro aspecto da difusão refere-se às práticas educativas desenvolvidas pelo Quilombinho que tem como foco fomentar a discussão da educação para relações étnico-raciais. Aqui podemos citar o Grupo de Estudos sobre ERER organizado em 2007 e pautado nas orientações do Parecer Federal CNE/CP 03/004 referente à Lei 10.639/03. Nessa ocasião participavam do grupo além do Quilombinho, o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) e o Conselho de Participação de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Sorocaba. Desse grupo de estudos resultou um Projeto de Lei, em caráter municipal, que reforçava a necessidade de implantação da Lei 10.639/03. Esse projeto foi discutido em audiência pública e contou com a presença da Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora da UFSCar e também relatora da referida Lei Federal.

Outra ação de destaque foi o cineclube que iniciou suas atividades em 2008 e funcionou até o ano de 2012. A proposta deste projeto era exhibir filmes que contemplassem o universo étnico-racial e promover a discussão deste assunto com a plateia presente. Por acontecer em período noturno seu público era composto, principalmente, de alunos da rede pública estadual (Ensino Fundamental e Ensino Médio), da rede municipal (Educação de Jovens e Adultos), e demais interessados de maneira geral. Em 2009 e 2010 o Quilombinho desenvolveu uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação para pensar atividades pontuais referentes à Consciência Negra. Sobre essa postura é importante notar que a entidade se colocou de maneira consciente ao afirmar que

(...) essas atividades têm nos causando certo desconforto na medida em que se referem apenas a uma data específica (20 de novembro), de novo colocando a atuação da população negra como coadjuvante na história do Brasil, além de ir de encontro ao que propõe a Lei Federal 10.639/03 quando destaca que o estudo desta área deve ser ministrado em todo currículo escolar (nas mais diferentes disciplinas com destaque para História, Educação Artística e Literatura). Ora, uma simples atividade pedagógica solicitada como tarefa escolar e não como conteúdo de aprendizagem de um currículo oficial, portanto, sem sequência didática de ensino (objetivos, procedimentos, metodologias, avaliações específicas) não dá conta de difundir e muito menos valorizar a cultura afrodescendente. (SILVA, 2012, p. 194 apud MARTINS, 2012)

Diante dessa constatação, em 2010 o CCQ apresentou à Secretaria Municipal de Educação um projeto de formação de professores que mais tarde foi intitulado *“Relações étnico-raciais: formação conceitual e prática voltada à compreensão das relações afrodescendentes”*. De acordo com a proposta o projeto destinava-se a realizar uma formação em história e cultura africana e afro-brasileira para docentes, gestores e funcionários da rede municipal de ensino. Este projeto, após muita pressão do movimento negro local (professoras militantes da causa racial, o próprio CCQ, além do Conselho da Comunidade Negra) foi aprovado e custeado pela Prefeitura. Sua realização se deu de agosto a outubro de 2012 e contou com 70 participantes: 60 funcionários da área de Educação da Prefeitura (entre docentes, gestores e funcionários) e 10 militantes do movimento negro local. Outra ação educacional

assumida pelo Quilombinho, neste mesmo ano, foi a inclusão de sua sede como rota educadora do projeto *Roteiro Educador* da Secretaria Municipal de Educação, integrado ao projeto *Cidade Educadora* da Prefeitura de Sorocaba. Nessa proposta as crianças matriculadas no projeto de educação integral da rede municipal de ensino, denominado *Oficina do Saber*, visitam o CCQ para vivenciar e discutir a educação para relações étnico-raciais. Em 2011 o CCQuilombinho firmou parceria com duas instituições educativas. Uma delas foi o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que concedeu 16 bolsas de estudos para os adolescentes desta instituição. Como grande parte deles já não frequentava mais as oficinas do CCQ, que só atende adolescentes até 16 anos, foi feito um acordo e aqueles que pudessem participariam de um curso sobre EREER promovido pelo próprio CCQ.

A outra parceria foi com o Colégio Salesiano que concedeu 10 bolsas de estudos da Educação Infantil ao Ensino Médio para alunos do CCQuilombinho. O grande objetivo era ofertar às crianças do Quilombinho uma proposta educacional mais estruturada do que a que eles tinham acesso na escola pública. Entretanto, apenas uma aluna (que entrou na Educação Infantil), dos dez atendidos por esta parceria permaneceu no Colégio. A evasão foi total e dentre os motivos: a dificuldade de acompanhar o currículo escolar, o isolamento e o estigma social, além da questão financeira (material escolar, estudos do meio, projetos e atividades extracurriculares eram todos custeados pelos alunos bolsistas) foram fatores determinantes. Cabe aqui uma consideração sobre desenvolver atividades com caráter de assistência social. Naquele ano o Colégio Salesiano tinha, dentre suas lideranças, o Padre João: negro, pedagogo e socialmente engajado com as causas raciais. Foi a partir da relação do padre com o CCQuilombinho que surgiu a iniciativa de contemplar a ONG com as bolsas de estudo. No entanto, garantir o acesso de estudantes negros e pobres, em sua maioria, a uma instituição particular de ensino, é medida que deveria vir acompanhada de outras ações para que a permanência dessas crianças no colégio pudesse ter alcançado um resultado mais positivo. Além disso, a escola também precisava passar por um processo de revisão de práticas educacionais, currículos e posturas sociais de toda a equipe escolar, afinal não são só os alunos que entram na escola. É principalmente a escola que deve se mostrar disposta a recebê-los.

Em 2012, a partir de demandas do conjunto de entidades do movimento negro de Sorocaba¹⁸, foi reinvidicado aos docentes e discentes da UFSCar durante o “I Encontro UFSCar-Movimentos Sindicais e Sociais da região de Sorocaba” (cf. MARTINS, 2012), entre outros pleitos, um curso para os professores da rede de ensino pública de nível básico para que pudesse subsidiá-los na implementação da Lei 10.639/03 em suas escolas. Nesta ocasião o Quilombinho, representado por mim, auxiliou na elaboração e divulgação da disciplina oferecida em caráter opcional aos alunos do curso de Pedagogia da UFSCar e em caráter de curso de extensão aos professores da rede pública interessados na temática. O curso ocorreu no 2º semestre de 2012 e resultou em dois artigos científicos (cf. em Referências) elaborados em conjunto por docentes e discentes da UFSCar e representantes dos movimentos negros envolvidos com a proposta. Em 2013 o CCQuilombinho desenvolveu o projeto *Qui-esportes* que promoveu atividades esportivas, dentre elas a capoeira, em várias escolas públicas da cidade de Sorocaba e no próprio CCQuilombinho, em atividade estendida a alunos não matriculados nesta ONG.

Para execução de seus programas educacionais bem como das propostas pedagógicas anuais o CCQuilombinho conta com o apoio de novos parceiros, dentre eles: o grupo Raízes, movimento que milita

¹⁸Naquele encontro e relativamente à essa demanda o movimento negro estava representado pelo Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Sorocaba, pelas ONGs Avante Zumbi e CCQuilombinho e pelo movimento da Ação Periférica, além de militantes da questão racial não associados a um movimento negro específico, como era o caso do Pe. João (Colégio Salesiano).

na área da saúde da mulher negra¹⁹ e a Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Sorocaba, fundada em janeiro de 2014. Como se pode notar muitas foram as experiências educativas desenvolvidas pelo Quilombinho que dialogam ativamente com a implantação da Lei 10.639/03. Por essas razões, dentre outras, o CCQuilombinho tornou-se referência para as escolas da região: um espaço que vive e respira o patrimônio afrodescendente cotidianamente. Virou também referência para os outros movimentos negros da cidade que de uma maneira ou de outra acabam se envolvendo com atividades promovidas pelo Quilombinho. O Quilombinho é um movimento que parece estar muito longe de ter um fim, em verdade, continua a procurar novos começos e faz isso especialmente no território da educação. Sim, precisamos de forças como essas para seguir em frente e continuar lutando. Como conclui a própria fundadora desta entidade,

Nós somos o **Negro em movimento**. Muito mais que Movimento Negro. Porque nós estamos nos movimentando todos os dias. Essa é a visão que temos e que sempre deixo publicamente. Nós comemos, nós bebemos, nós pensamos todos os dias da nossa vida. Não só no dia da consciência negra. Todos os dias somos cidadãos. O que a gente quer é que valorizem a nossa história, valorizem nossas coisas, que a gente seja **inserido dentro do contexto educacional**, dentro do contexto do trabalho, que a gente seja visto. Nossas doenças são específicas. (...) Nós não podemos tratar todas as pessoas da mesma forma. Você pode dar oportunidade igual, mas tem que ser equitativa. O olhar tem que ser diferenciado. **Minha preocupação maior é na educação**. O professor tem que enxergar a especificidade de cada um. Como sou educadora, sei que se você pensa assim o trabalho fica muito mais rico. **Você valoriza o universo do outro**. O que é valorizar o universo do outro? É dar oportunidade dele mesmo **pesquisar**, dele mesmo **perceber** e **falar da sua diferença**. Quem que vi dar essa oportunidade? É a educação, **isso se dá dentro da escola**. É uma coisinha muito sutil, mas que **faz totalmente a diferença**. (Rosângela Alves)

Considerações finais

O caminho do MN sorocabano é permeado de coragem, perseverança e pioneirismo. Seus personagens são guerreiros e guerreiras que ainda hoje constroem histórias. Em nossa análise mitológica ousamos dizer que as águas do rio de *lemanjá* geraram lindas histórias, belíssimos personagens que sacudidos pelo *axé* de *Exu* foram se movimentando e se recriando. Conta-se que certa vez um homem muito rico tratava mal os seus trabalhadores. Por conta de muitos desagrados, todos juntos resolveram fazer reivindicações. Para humilhar seus empregados, ele deu um pedaço de terra a cada um. Com a intenção de manter a subalternidade a que estava acostumado, ofereceu-lhes milho torrado para semear nos seus próprios campos. Os seus trabalhadores plantaram e o local passou a ser vigiado dia e noite para garantir que a plantação não nasceria. Então, *Exu* se deu conta da maldade e não suportou a injustiça. Resolveu dar o troco àquele falso benemérito criando uma bela estratégia. *Exu* chegou ao centro da cidade e começou a fazer brincadeiras e travessuras.

Somente isso. Nas suas divertidas pintaças, as vacas começaram a voar, cavalos falaram, a lua dançou e o sol rodopiou. Foi tanto movimento que não ficou quem não corresse para ver o que estava acontecendo. Mais rápido do que a luz *Exu* entregou novos e férteis grãos de milho aos empregados que

¹⁹Para maiores informações ler SILVA (2014).

se apressaram em plantar, e para o desespero daquele homem. Nunca se viu plantação mais próspera.²⁰ Diz-nos Machado (2006),

Daí pode-se compreender que este comunicador na sua missão de ensinar sinaliza que além de ficarmos atentos com tudo e com todos, é bom aprender a ser como uma semente de milho fértil que rompe qualquer submissão e se põe fora do peso de qualquer vigilância.

Após mergulhar em algumas vivências educativas do movimento negro sorocabano podemos anunciar processos de rompimento à submissão imposta pela visão ocidental de mundo, tal qual o arquétipo de *Exu* apresentado na história acima. Através dessa pesquisa inicial podemos afirmar que o NUCAB representa um precioso espaço de valorização da história e cultura afro-brasileira e africana. A diversidade das atuações educativas promovidas por esta instituição e seus agentes militantes continua a ecoar nos dias de hoje. As palestras proferidas por seus representantes e a difusão dos livretos informativos sobre o patrimônio cultural afrodescendente mostram que a militância continua viva e atuante, pronta a colaborar com a educação das relações étnico-raciais. Entretanto, o que existe no NUCAB hoje é fruto de atuações desenvolvidas por Ademir dos Santos e Ana Maria Mendes. Não identificamos nenhum novo militante disposto a dar nova vida às propostas educativas dessa instituição.

A análise do percurso do histórico do NUCAB permite-nos identificar uma possível pista para essa dificuldade que foi o fato deste movimento negro não ter incluído, nos seus objetivos, a preocupação com a formação de novos militantes/representantes nem com a discussão sobre os novos sentidos da militância que representam. Reelaborar conceitos, aprofundar conhecimentos, redefinir posturas, num crescente fazer político em busca da organização da ação afro-brasileira cidadã (SILVA, 1997) é, sobretudo, tarefa militante. De alguma forma parece que o Quilombinho guarda, em si mesmo, a potencialidade do novo para dar continuidade à luta dos movimentos negros em Sorocaba.

Em quase onze anos de atividades voltadas principalmente para o trabalho de EREER o CCQuilombinho tem seguido seus propósitos de movimento negro estabelecendo diálogos com a educação regular e contribuindo com a construção e desenvolvimento de propostas pedagógicas que contemplem o sentido da Lei 10.639/03. Se a escola puder olhar para o Quilombinho, será convidada a enxergar como a cosmovisão africana é viva em nossa cultura. Perceberá que saberes e referenciais riquíssimos têm ficado de fora da educação de nossos alunos. A começar, é possível perceber que o início de todas as atividades do Quilombinho se organiza em torno do *círculo*, profunda marca das manifestações culturais afro-brasileiras, que propicia que uma relação horizontal, mas não sem respeito às hierarquias, se trave entre aqueles que estão sentados à roda. Para isso, um grande e lindo quiosque de palha está localizado no coração, no centro desta entidade.

Outro aspecto a ser valorizado pela escola é a *oralidade*. No Quilombinho cada mestre resgata a *memória* afro de sua área a partir da *oralidade*, colocando em situação de igualdade as crianças de diferentes faixas etárias e provenientes de diferentes processos de aprendizagem que juntas vivem aquela realidade. A *ludicidade* é prática constante no cotidiano do Quilombinho. Pelas brincadeiras, representações, as crianças expõem seus sentimentos, revivem suas alegrias e até frustrações, aprendem a se relacionar e, inclusive, a construir relações étnico-raciais cada vez mais positivas. O som é brincadeira, o ritmo é brincadeira, teatro, dança, capoeira, lá tudo é brincadeira. No Quilombinho o corpo

²⁰História adaptada por Vanda Machado, com Carlos Petrovich, para o Projeto Político-Pedagógico *Irê Ayó na Escola Eugenia Anna dos Santos* (in MACHADO, 2006, p. 112-113)

conta histórias, experimenta sensações, cria ritmos, fala. A *corporeidade* é elemento fundamental da educação de tradição africana e se faz presente lá também. O que a escola aprende? Que aluno que se mexe sacode as ideias, reorganiza o pensamento e vivencia sensações.

Há muito na prática pedagógica do CCQuilombinho. O esforço de levar sua realidade para servir como ponto de reflexão aos grupos de professores das escolas públicas da região é fundamental para divulgar a cosmovisão africana e reafirma seu sentido no campo da educação popular. Para nosso contexto ocidental de produção do conhecimento parece ser necessária a sistematização destas propostas político-pedagógicas, bem como destas experiências educativas, permitindo assim que elas cruzem limites geográficos e contribuam, em outros lugares, para a reeducação das relações étnico-raciais de maneira positiva. É preciso finalizar esse registro agradecendo a Exu afinal, o orixá do movimento deve continuar emanando seu *axé* sobre o movimento negro sorocabano a fim de que as ações dessas entidades, dentre outras, continuem a se multiplicar e, sobretudo, transformar. Laroiê!²¹

Referências

- ASSUMPÇÃO, C. Protesto. In: _____. *Cadernos Negros: poemas*. São Paulo: s/d.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global Editora, 2008
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (orgs). *Pesquisa participante: O saber da partilha*. São Paulo: Ideais e Letras, 2006.
- BRANT, Fernando e NASCIMENTO, Milton. Era rei e sou escravo. In: *Álbum Maria, Maria*, 1976
- BRANT, F.; NASCIMENTO, M. Raça. In: *Álbum Encontros e despedidas*. 1985
- CAVALHEIRO, C. *A história do Preto Pio e a fuga de escravos de Capivari, Porto Feliz e Sorocaba*. Sorocaba: Edição do autor, 2007
- CAVALHEIRO, C. *Nossa gente negra*. Sorocaba: Create Editora, 2013.
- CAVALHEIRO, C. *Scenas da escravidão*. breve ensaio sobre a escravidão negra em Sorocaba. Sorocaba: Create Editora, 2006
- CAVALHEIRO, C. *Vadios e imorais: preconceito e discriminação em Sorocaba e médio tietê*. Sorocaba: Create Editora, 2010.
- CUTI. *Cravos vitais*. Poemas de Carapinha. *São Paulo: Ed. do Autor, 1978*. Quilombhoje, 1982.
- CUTI. *Vem cantando*. Flash crioulo sobre o sangue e o sonho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1987.
- FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007.
- FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

²¹Saudação a Exu no candomblé.

- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, P. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- GENTILI, P. *Pedagogias da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. (org). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. e. *Movimento negro e educação*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: 2000, nº15.
- GUIIMARÃES, A. S. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed. 34, 1999.
- HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. UFMG, Brasília: 2003.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.
- HOUFBAUER, A. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. *Tese* (Doutorado em História). USP, São Paulo, 1999.
- JACCOUD, L. (org). *A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos*. Brasília: Ipea, 2009.
- MACHADO, V. Irê Ayó – Uma perspectiva de iniciação à cidadania brasileira. *Revista Cepaia*. Realidades Afro-indígenas. Ano 2, núm 2/3. UNEB: jan/dez, 2002
- MACHADO, V. Fundamentalmente é ser aprendiz e malungo. *Apostila do Grupo de Trabalho para inserção das diretrizes nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas – GT Ensino Fundamental II*. Brasília: MEC: SECAD, 2003. 19 p.
- MACHADO, V. A conquista. *Apostila do Grupo de Trabalho para inserção das diretrizes nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africanas*. Brasília: MEC: SECAD, 2003. 18 p.
- MACHADO, V. Àqueles que têm na pele a cor da noite. Ensinâncias e aprendizagens com o pensamento Africano recriado na diáspora. *Tese* (Doutorado em Educação). Salvador: UFBA, 2006.
- MARTINS, M. F. (et al.) *Educação das relações étnico-raciais negras: atuação de professores na rede pública de ensino da região de Sorocaba-SP*. Sorocaba: UFSCar, 2012. Relatório de Pesquisa.
- MATTOS, W. R. *Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis*. (Salvador-BA 1850-1888). Salvador: EDUNEB, EDUFBA, 2008.

MONTEIRO, R. B. A educação para as relações étnico-raciais em um curso de pedagogia: estudo de caso sobre a implantação da Resolução CNE/CP 01/2004. *Tese* (Doutorado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2010.

MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1988

MUNANGA, K. (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, SECAD, 2005.

NASCIMENTO, E. L. *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008

NASCIMENTO, M. Caçador de mim. *Álbum caçador de mim*, 1981

NETO, J. C. de M. Tecendo a manhã. In: _____. A educação pela pedra. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

OLIVEIRA, E. D. de. Epistemologia da ancestralidade. 2003. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>. Acessado em 04/02/2014.

OLIVEIRA, E. D. de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE*. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

PAIXÃO, M. et al. (org). *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010*. Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. Rio de Janeiro: Garland, 2011

PEREIRA, A. M. *Trajetórias e perspectivas do movimento negro brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo: 18 (52), 2004

PRANDI, R. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e doença segundo o candomblé. In: BLOISE, Paulo (org). *Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade*. São Paulo: Editora Senac, 2011, v.1, p. 277-294.

ROCHA, R.M. de C. *Pedagogia da diferença*. A tradição africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira. Belo Horizonte: Ed Nandyala, 2008.

ROCHA, R.M. de C. Pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. *Revista Paidéia*. Univ. Fumec. Belo Horizonte, ano 8, nº 11, pg. 31-52, jul/dez 2011.

RODRIGUES, T. C. Movimento negro no cenário brasileiro: embates e contribuições à política educacional nas décadas de 1980-1990. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais). São Carlos: UFSCar, 2005.

ROLNIK, S. Cartografia ou de como pensar o corpo vibrátil. In: ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho. *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

ROSEMBERG, F.; PINTO, R. P. *Criança pequena e raça na PNAD 1987*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (FCC), 1987.

SANTOS, A. B. dos. Enciclopédia sorocabana. Disponível em:
<http://www.sorocaba.com.br/enciclopediasorocabana>. Acessado em 04/02/2014.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro, p. 237-280. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais: Portugal, 2002

SANTOS, M. F. dos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão em Karabé e Kiriku. In: *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, SECAD, 2005.

SANTOS, S. A. Movimento negro, educação e ações afirmativas. *Tese* (Doutorado em Ciências Sociais). Brasília: UNB, 2007.

SILVA, M. M. de C. Centro Cultural Quilombinho: luta de criança é luta de gente grande! In: MARTINS, Marcos F (org). *História dos movimentos sociais da região de Sorocaba*. Holambra: Ed. Setembro, 2012.

SILVA, P. B. G.; BARBOSA, L. M. (orgs). *O pensamento negro em educação no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 1997.

SILVA, P. B. G. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *Revista do professor*. Porto Alegre 19 (73): p. 26-30. Jan/mar, 2003.

SILVA, P. B. G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: SILVA, P. B. G. SILVÉRIO, V.R. e BARBOSA, L.M. de A. (orgs). *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

THEODORO, M. (org). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, 2008.

VARANI, A. (et al.) *Formação e conhecimento sobre a questão étnico-racial de professores que atuam na educação básica pública da região de Sorocaba-SP*. Sorocaba: UFSCar, 2012. Relatório de Pesquisa.

* Graduada em Pedagogia pela USP. Mestre em Educação pela UFSCar-So. Atualmente é professora de *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* no curso de Pedagogia da Faculdade de Sorocaba/UNIESP. E-mai: marimcs05@yahoo.com.br.

Recebido em 10/09/2016
Aprovado em 03/10/2016